Cândido

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ **Nº 158** JANEIRO DE 2025 CANDIDO.BPP.PR.GOV.BR

ESCRITAS SONORAS

Cândido exalta a relação entre música e literatura que emerge pelo livro "¡Que viva la música!" do autor colombiano Andrés Caicedo (1951–1977)

Índice

3 ESPECIAL CAPA
A literatura em último volume
Fernanda Maldonado

13 ESPECIAL
Prateleira
Fernanda Maldonado e Redação ***Cândido***

18 ENTREVISTA
O cançonauta
Bernardo Pellegrini
por Rodrigo Garcia Lopes

32 RETRANCA
Cancioneiro peregrino
Bernardo Pellegrini
por Rodrigo Garcia Lopes

38 CONTO
O Homem-Urubu
Rogério Skylab

47 CRÔNICA
A última obra
Pedro Guerra

51 TRADUÇÃO
O Presente – The Velvet Underground
Lou Reed
por Melissa Luz

62 POEMA
Palimpsestos e outros poemas
Ronaldo Cagiano

67 FOTOGRAFIA
Janelas
Malu Cordeiro

A literatura em último volume

Fernanda Maldonado

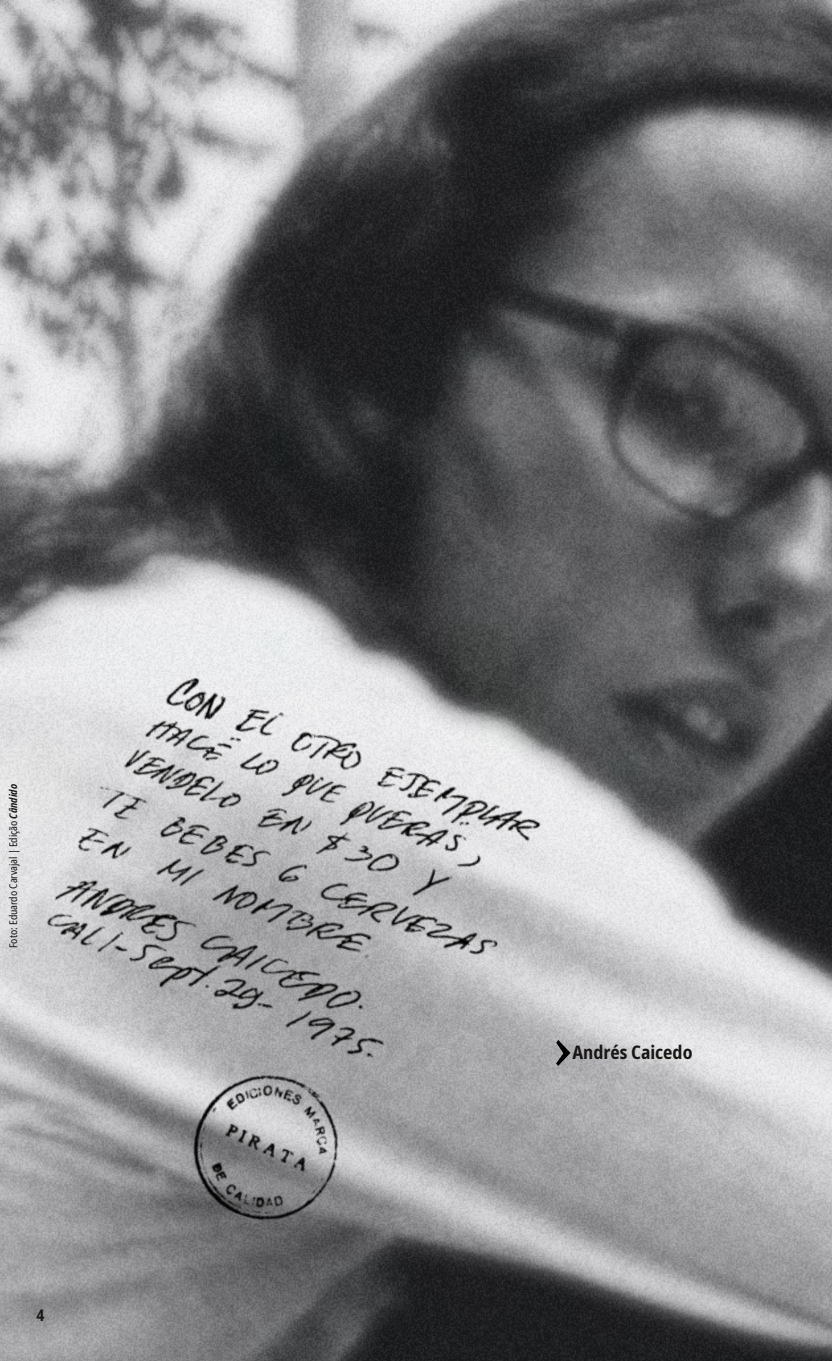
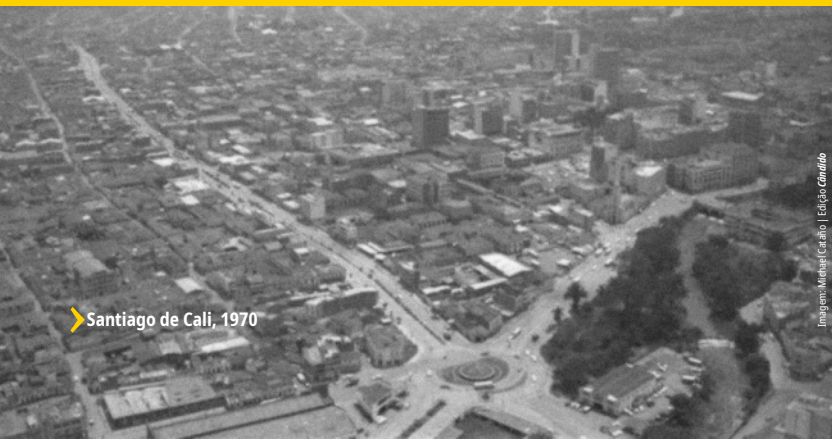


Foto: Eduardo Carvajal | Edição *Cândido*

Andrés Caicedo

Para o escritor colombiano Andrés Caicedo, a relação entre literatura e música não é apenas temática, mas estrutural



Santiago de Cali, 1970

Imagem: Michael Catalfo | Edição *Cândido*

A América Latina é sempre repleta de personagens da vida real cujas trajetórias poderiam facilmente ser narradas como literatura. Arrisco dizer que Andrés Caicedo, por exemplo, seria perfeitamente um dos detetives selvagens de Roberto Bolaño. Colombiano de Cali, a capital da salsa, foi um intelectual precoce e ativo crítico de cinema, intimamente conectado com as efervescentes cenas artísticas *caleñas* da década de 1970. "*Un muchacho nada acartonado*", define Pilar Caicedo, apontando para a personalidade autêntica e expressiva do irmão, que segundo contou em entrevista para o jornal colombiano *El Tiempo*, não era um bom dançarino – o que em Cali pode significar quase uma tragédia.

A vida de Andrés Caicedo, aliás, foi de fato interrompida por uma tragédia, na perspectiva de algumas leituras. Ou, quem sabe, por uma decisão consciente do rapaz que acreditava e escrevia – com constância e disciplina – que "viver depois dos 25 anos é uma desones-

tidade". No dia 4 de março de 1977, justamente aos 25, ele se suicidou tomando dezenas de comprimidos sedativos. Naquele mesmo dia, havia recebido as cópias do seu segundo romance, o mais importante publicado em vida, *¡Que viva la música!*.

A obra atravessou algumas gerações e aos poucos tem se tornado mais um emblema para a literatura latinoamericana contemporânea, mesmo em total contrafluxo aos movimentos literários da sua época, já que se trata de uma construção narrativa apegada ao mais cru e concreto do cotidiano urbano. Para o escritor chileno Alberto Fuguet, Caicedo é, aliás, o "inimigo número um" de Macondo. Seus textos não carregam nenhuma conexão com o realismo fantástico que tornou famoso o ilustre conterrâneo Gabriel García Márquez.

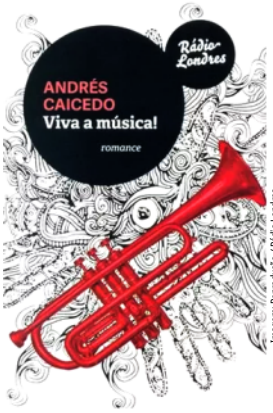


Imagem: Reprodução / Rádio Londres

Imagem: Reprodução / Instituto Colombiano de Cultura | Edição *Cândido*

Capa da edição brasileira de *Viva a música* (Rádio Londres, 2014) e da primeira edição colombiana de 1977

Cabe um parênteses em forma de parágrafo para contar que, no Brasil, o romance de Caicedo só foi publicado em 2014 pela extinta editora Rádio Londres, com tradução de Luis Reyes Gil. A editora foi atuante de forma independente por poucos anos e desapareceu do mercado sem deixar rastros em 2020. Ficaram apenas algumas excelentes publicações – hoje esgotadas – celebradas por leitores atentos à tradução de obras raras, especialidade do selo, e esquecidas pelo mercado editorial. Isso significa que mesmo já editado uma vez em português brasileiro, segue sendo um autor pouco conhecido e pouco difundido no Brasil. No contexto colombiano, o escritor tem um status de culto póstumo e um quê de *underground*.

O suicídio para Caicedo foi desejado com premeditação, e antes de março de 1977, houve duas tentativas prévias. Seu primeiro livro, *El atravesado*, teve publicação financiada por sua mãe em 1975, como tentativa de evitar novas investidas do filho em tirar a própria vida. Como qualquer autor que se mata, o suicídio se torna quase incontornável na sua biografia e não raro vira um buraco negro em torno do qual giram todos os demais fatos. Mas, ao menos aqui neste texto, o incontornável da questão não é a pulsão de morte, mas sim de vida, e podemos reconhecê-la em diversos momentos nos seus escritos e seus personagens, alguns construídos como alter egos.

Dedicatória de Caicedo na edição pirata de *Atravesado*, seu primeiro livro, em setembro de 1975

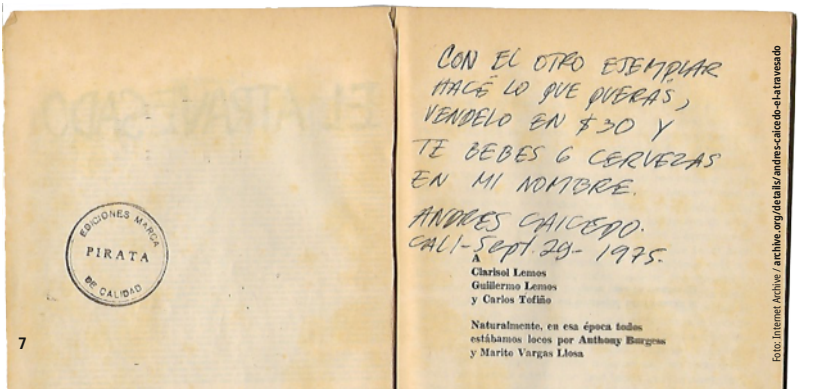


Foto: Internet Archive / archive.org/details/andres-caicedo-el-atravesado

Imagem: *Vaya Records* | Edição *Cândido*

Imagem: *A Vinyl Gang Product* | Edição *Cândido*

A leitura de *¡Que viva la música!* dialoga com as reflexões e sensações da protagonista, de Ricardo Ray a Mick Jagger

Cali, salsa e *rock'n'roll*

A trajetória intelectual e o ativismo cultural de Andrés Caicedo estão profundamente marcados pela sua cidade natal, que, por sua vez, é absolutamente marcada pela música. Além da música, o autor era bastante conectado ao teatro e ao cinema, envolvido em coletivos, cineclubes e crítica cultural. Junto aos companheiros Luis Ospina, Carlos Mayolo, Hernando Guerrero e Ramiro Arbeláez, fundou o Cine Club de Cali, que em princípio operava no Teatro Experimental de Cali e depois foi para a Ciudad Solar até se instalar, por fim, no Teatro San Fernando. Todos esses foram espaços fundamentais para a agregação e dinâmica cultural daquele momento.

A interconexão dos interesses entre linguagens se materializava constantemente na atuação do grupo, em suas iniciativas de movimentação da cena cultural *caleña*. Uma passagem simbólica dessa história foi a produção de uma série de cartazes de protesto. Um deles ficou muito famoso na Colômbia e, até hoje, possui um simbolismo bastante cultuado, em que carrega uma mensagem de rechaço do coletivo de Caicedo ao chamado *Sonido Paisa*, um estilo particular de salsa que emergiu na região de Medelín entre os anos 1970 e 1980.

Diferente da salsa de Cali e de Nova York, (há pesquisas que indicam, inclusive, que a salsa nasceu mesmo nas comunidades latinas da *Big Apple*) que tinha forte influência cubana e porto-riquenha, o *Sonido Paisa* desenvolveu características próprias ao trabalhar com elementos simplificados, arranjos bem menos complexos, e ênfase nas melodias românticas e letras sentimentais. O movimento alcançou enorme sucesso comercial e foi duramente criticado por alguns puristas como uma versão diluída do gênero.

Imagem: *La Interna de Cali*

Cartaz feito pelo Cine Club de Cali, reproduzido pelo coletivo de artes gráficas *La Interna de Cali*

Caicedo foi um intelectual precoce e ativo crítico de cinema, profundamente conectado com as efervescentes cenas artísticas *caleñas* da década de 1970

Foto: Eduardo Carvajal | Edição *Cândido*

Fotos: Robert Lulo, 1976 | Edição *Cândido*

A salsa, ritmo típico de Cali, teve forte cena em Nova York na década de 1970

Em *¡Que viva la música!*, a rica e loiríssima protagonista María del Carmen Huerta personifica essa fusão música-vida e escancara paradoxos e conflitos de classe tipicamente latinoamericanos. A narrativa é uma viagem sensorial da personagem por Cali, onde a divisão social da cidade é marcada também por fronteiras musicais. No norte, o rock anglo-saxão, símbolo de rebeldia e cosmopolitismo, e, no sul, a salsa, cadência visceral que embala os corpos e as paixões populares. Ler o livro é, de certo modo, escutar uma *playlist* cuidadosamente montada pelo autor, em que as letras das músicas dialogam com as reflexões e sensações da protagonista, de Ricardo Ray a Mick Jagger.

Conhecida como a "Sucursal del Cielo", Cali é uma das cidades mais antigas das Américas, fundada em 1536, e muito marcada pela música

Foto: Instagram: nostalgia_de_santiago_de_cali | Edição *Cândido*

Foto: Fernell Franco | Edição *Cândido*

O próprio Caicedo, embora mais devoto ao rock setentista do que à salsa, entendia com nitidez a força cultural do gênero que tornou Cali famosa no mundo inteiro. Ele reconhecia na salsa uma música de resistência e celebração, uma expressão das ruas que, com seu frenesi, refletia as tensões sociais da Colômbia de seu tempo. Em alguns textos críticos e cartas, fica claro seu fascínio pelas letras que narram histórias de amor e desilusão, de sobrevivência e tragédia, tão próximas das tramas de suas histórias. A salsa era como um espelho da realidade *caleña* – apaixonada, contraditória, problemática, viva. O rock foi, no entanto, a trilha que definiu seu imaginário pessoal. Em crônicas, Caicedo explora ícones da contracultura ocidental, e sua escrita carrega uma energia crua, certa estética do colapso, sempre à beira de um abismo.

Em certo momento de *¡Que viva la música!*, María declara: "*Los Rolling Stones me pertenecen*"; a afirmação sintetiza o *ethos* de uma geração que encontrou no rock a expressão máxima de liberdade. Me pergunto com uma curiosidade imensa o que pensaria Andrés Caicedo sobre o rock hoje: seria ele apegado ao simbolismo contracultural das últimas décadas do século XX, ou veria no rock clássico um anacronismo e até mesmo um conservadorismo mofado, que já não dialoga mais com as demandas levantadas pelas novas gerações?

Foto: Eduardo Carvajal | Edição *Cândido*

Seus textos têm o ritmo e a urgência de uma canção tocada em volume máximo

Foto: Diego Vélez | Edição *Cândido*

Ele soube transformar a música em linguagem literária, fazendo com que a estrutura do texto ecoasse o ritmo acelerado de uma cidade em constante movimento. Cada passo de María, cada encontro e cada transformação são descritos como se fossem parte de uma coreografia urbana equilibrada entre o hedonismo e a autodestruição, sempre, sempre musical.

A relação entre literatura e música para Andrés Caicedo não é apenas temática, mas estrutural. Seus textos têm o ritmo e a urgência de uma canção tocada em volume máximo. E, como as melhores canções, sua obra carrega um impacto emocional que reverbera muito além do último acorde – ou, no caso, da última linha. Ler Caicedo é essa experiência frenética, arrebatadora e, ao mesmo tempo, profundamente melancólica. ❮

Foto: Eduardo Carvajal | Edição *Gindito*

Prateleira

O ***Cândido*** indica alguns títulos que exemplificam a relação entre literatura e música, desde os mais recentes até os clássicos, com a curadoria da jornalista que assina a matéria principal. Confira:

Febre de Carnaval **(Bazar do Tempo, 2024)**
Yuliana Ortiz Ruano

Assim como o colombiano Andrés Caicedo, a equatoriana Yuliana Ortiz Ruano também incorpora radicalmente as sonoridades afrolatinas dos trópicos à narrativa de seu romance. A obra que tem no carnaval seu cenário simbólico — onde a alegria e o drama se entrelaçam —, e revela um universo no qual uma pequena garota, Ainhoa, é forçada a amadurecer rapidamente. Com uma prosa ritmada como os sons vibrantes da rumba e da salsa, a autora tece um retrato comovente e poético das heranças afrodescendentes, das cicatrizes deixadas pelo patriarcado e das complexidades sociais vividas por uma região marginalizada das Américas.

O Perseguidor (Cosac Naify, 2012)
Julio Cortázar

Cortázar era um grande fã de jazz, gênero musical que conheceu melhor em seu autoexílio em Paris na década de 1950, e escreveu este livro inspirado na vida do saxofonista americano Charlie Parker (1920–1955), em 1959. Considerada uma de suas obras preferidas, Cortázar consegue imprimir um ritmo musical na história, como se houvesse uma trilha sonora nas entrelinhas.

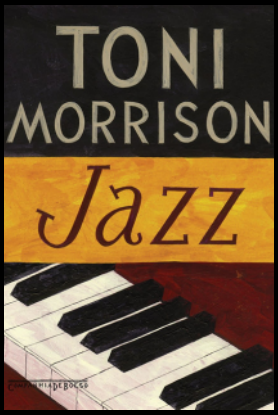
Só garotos (Companhia das Letras, 2010)
Patti Smith

Completando 15 anos de sua publicação, este é um celebrado relato autobiográfico sobre a amizade e a trajetória artística de Patti Smith e Robert Mapplethorpe em Nova York, ícones da contracultura norte-americana e referências incontornáveis para diversas gerações. O livro carrega um olhar íntimo sobre o nascimento do punk rock e a confluência entre poesia e música na vida de Smith a partir de sua relação de amor, amizade e parceria com Mapplethorpe. A obra é um retrato apaixonado e confessional da contracultura estadunidense dos anos 1970, desfiado por uma de suas maiores expoentes vivas.

A Garota da Banda (Rocco, 2015)
Kim Gordon

Uma autobiografia da cofundadora da banda Sonic Youth, refletindo sobre sua carreira musical e a vida como mulher no cenário do rock alternativo. Começa de trás para frente, partindo de dois términos entrelaçados: o divórcio com Thurston Moore, parceiro na fundação da Sonic Youth, passando por detalhes sobre o fim da banda, fato recebido com grande impacto pelos fãs e pela mídia especializada. Mais do que um livro sobre uma cena artística ou uma época específica, Gordon fala do casamento, maternidade, feminismo, seu background familiar, e da paixão pelas artes visuais e música. Um livro não só para fãs, mas também para quem se interessa por histórias de mulheres que pavimentaram duramente alguns importantes caminhos.

Jazz (Companhia de Bolso, 1992)
Toni Morrison



A história ambientada no Harlem dos anos 1920 é uma meditação sobre amor, dor e traição, com o jazz como força motriz. Toni Morrison trabalha uma trama que começa com o feminicídio de Dorcas, jovem assassinada pelo amante, Joe Trace, um vendedor de perfumes já na meia-idade. Sua esposa, Violet, marcada pela obsessão e pela angústia, invade o funeral e tenta desfigurar o rosto da jovem morta. A partir desse ato inicial de violência e desespero, Morrison desdobra uma narrativa na qual passado e presente se entrelaçam para revelar histórias de amor, traição, perda e ancestralidade, escancarando feridas afro-americanas jamais cicatrizadas.

Últimos Cantos (Martin Claret, 2019)
Gonçalves Dias

Escrito em 1851, o livro reflete uma fase de transição na obra do autor. A métrica e o ritmo são fundamentais para a construção da musicalidade dos poemas. "I-Juca-Pirama", por exemplo, narra a história de um indígena capturado por uma aldeia rival durante uma batalha. Nesse contexto, as estrofes apresentam um ritmo que, ao ser lido, remete ao som de tambores ou até mesmo a uma marcha de guerra.

Foto: Acervo pessoal / Fernanda Maldonado

Fernanda Maldonado é jornalista cultural e mestranda em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde desenvolve uma pesquisa na linha Arte, Memória e Narrativa. Atua há alguns anos na comunicação de instituições culturais do Paraná, em bienais e projetos de produções independentes. Nas horas vagas (e em todas as outras) tem uma cabeça bastante musical.

O cançonauta

Bernardo Pellegrini

por Rodrigo Garcia Lopes

Bernardo Pellegrini

Foto: Lucas Liviero

Meio navegante, meio cosmonauta, meio cancionista, Bernardo Pellegrini celebra os 30 anos do álbum *Dinamite Pura*, com o lançamento em formato vinil. Nesta entrevista, um dos maiores compositores do país reafirma sua fé na cultura e na força da canção brasileira, esse planeta chamado Emoção

Cruzar o canal
Ganhar o mar alto
A vida vai à deriva
Num oceano azul cobalto

Bernardo Pellegrini, em "Parto"

Nascido em 1958, em Londrina (PR), Bernardo Pellegrini é uma figura de proa da cena paranaense, fruto da efervescência dos anos 70, 80 e 90 na cidade. Sua obra musical, toda gravada ali, é a mais completa tradução do espírito cosmopolita que formou a "Pequena Londres", que acaba de completar 90 anos. Em dezembro passado (2024), o compositor e jornalista relançou em vinil, através de campanha coletiva, o álbum *Dinamite Pura*, com o coletivo Bando do Cão Sem Dono, um dos melhores discos de MPB dos anos 90. Ele também foi duas vezes Secretário de Cultura de Londrina, sendo o idealizador e responsável pela implantação do Promic (Programa Municipal de Incentivo à Cultura de Londrina), considerado uma referência de política pública para a gestão de projetos culturais no Brasil. Como jornalista, peregrinou pelo histórico jornal londrinense *Panorama* (que reuniu um time de grandes nomes do jornalismo brasileiro, "exilados" em Londrina durante a Ditadura), *Folha de Londrina* e *Folha de S. Paulo*. Fundou a Cooperativa de Jornalistas do Paraná e o

jornal independente *Paraná Repórter*. Foi editor dos jornais *Brasil Repórter* e *O Repórter*. Em São Paulo, colaborou com as revistas *Planeta, Status* e assumiu a edição da *Gazeta de Pinheiros*. De volta a Londrina, criou o "Caderno 2" e foi editor-chefe da *Folha de Londrina*. Escreveu o livro-reportagem *Cerrados – A Ocupação Japonesa no Campo* (com Paulo San Martin, Codreci, 1984) e *Almanaque do Amor*, com Maria Abramo (Busca Vida, 1988). Seu último álbum é *Outros Planos* (2018). Em 2023 ele lançou as plaquetes *Frágil e Fêmeo* (Galileu Edições) e, no fim do ano passado, em parceria com Maurício Arruda Mendonça, o livro *Comida Multicultural em Londrina – Um Prato Cheio de História* (Pelle Editorial), que resgata a história da culinária na cidade.

Personalidade múltipla e inquieta, é na arte da canção – que busca a perfeita simbiose entre palavra, música e voz – que Bernardo sintetiza suas paixões, seu espírito crítico e visão aguçada de mundo, seus afetos, suas relações pessoais e conflitos, compondo músicas que são instantâneos de nosso tempo turbulento e veloz. Com seis discos lançados e mais dois a caminho, ele tem parcerias com um time talentoso de escritores e músicos paranaenses, como o consagrado Domingos Pellegrini Jr. (seu primo), Mário Bortolotto, Marco Scolari, Nelson Capucho, Maurício Arruda Mendonça, Paulo Leminski, entre outros. Em 2016, sua canção "Essa Mulher" foi gravada por Elza Soares e pela londrinense Simone Mazzer no álbum *Férias em Videotape*. No mesmo ano, "Dei Um Beijo na Boca do Medo" foi tema de abertura da minissérie *Me Chama de Bruna*, exibida pelo canal *Fox Premium*. Com quase 100 músicas registradas e 150 inéditas, Pellegrini já teve suas canções gravadas por Joyce Cândido, Mário Bortolotto, Natália Malo, Cibele Oliveira, Eliane Bastos e Camila Taari. Mais conhecido no meio da música independente, versátil, provocante – com uma obra que "comporta surpresas acima da média", como escreveu o crítico de música Luis Antônio Giron, – no repertório pellegriano há lugar tanto para a canção caipira quanto para o jazz, para estilos que vão do baião e a balada romântica ao rock, ao rap e a poesia sonora e concreta ("Game",

"Borboleta"). É um autor de verdadeiras pérolas do cancioneiro brasileiro contemporâneo e que precisam ser mais conhecidas.

Nesta entrevista ao ***Cândido***, Pellegrini fala sobre a arte da canção, música paranaense e políticas públicas para a cultura.

Capas dos álbuns de Bernardo e o Bando do Cão Sem Dono

Imagens: Acervo Pessoal / Bernardo Pellegrini

Foto: Acervo Pessoal / Bernardo Pellegrini

Primeira formação do Bando do Cão Sem Dono em 1994, na casa em que viviam em comunidade, num sobrado no Alto da Lapa (São Paulo). Da direita para a esquerda: Celmo Reis (de lenço na cabeça, guitarra), Cândido Jorge de Lima (bateria), Bernardo Pellegrini (voz e violão), Alessandro Laroca (baixo), Marco Scolari (piano, acordeão, violão) e Maria Angelica Abramo (performance)

Você tem uma abordagem interessante da canção brasileira, e da relação desta com nosso português brasileiro. Você costuma dizer que a cultura brasileira se organiza a partir da canção, com uma visada antropológica que funde sua ideia de canção com sua ideia de cultura. O que é a canção, para você?

É um momento alto da cultura brasileira. A canção organizou a nossa palavra falada. Por isso, é muito mais através das canções do que do texto formal que as pessoas aprendem a comunicar suas emoções, criando essa potência de expressão que é única e original. Nossa língua brasileira passou de portuguesa faz tempo, como dizia o sábio Noel Rosa. O falar brasileiro já vem com fundo musical, a fala sonora e esplêndida da canção. Nela, o pensamento voa, comunica ideias, vivências, histórias, conselhos, desejos. Ou seja, constitui uma cultura quando comunica modos de vida, hábitos, interações e trocas. Como compositor, me sinto além de mim, me reconheço como parte de uma tradição de saberes que a canção popular do Brasil sintetiza com seu alfabeto de ideogramas, onde os sons carregam imagens através das palavras combinadas com pulsação rítmica. Falo dessa combinação original da língua portuguesa (derramada e horizontal) com a língua africana (vertical e sincopada), mais a música da floresta (pura paisagem sonora, *soundscape*). Essa combinação foi mediada pela imposição industrial do rádio e transformou a fala do brasileiro em produto de exportação – e uma fonte inesgotável de combinações e fusões que fazem a dor e a delícia do compositor popular. Essa língua, nascida de fusões mágicas, carrega uma memória profunda, a memória de todos os ritmos africanos nas palavras pulsantes, todo o discurso do Ocidente na organização do raciocínio na melodia do português castiço*.

*De boa casta ou de boa raça. Segundo o *Dicionário Aulete*, "puro, sem mistura, sem elementos descaracterizadores, que é correto segundo as normas próprias a uma língua; genuíno, sem barbarismos ou influência estrangeira (português castiço, expressão castiça)".

Qual era a sua paisagem sonora na infância e como ela contribuiu para seu "caipirosmopolitismo"?

Meu pai foi formado pela Rádio Nacional, que ele ouvia desde menino. Conhecia todos os sambas, tudo de Dorival Caymmi, Ary Barroso, Sílvio Caldas. Já minha mãe era valseira, gostava do Johann Strauss. Meus pais tinham um hotel, o Hotel dos Viajantes, em Apucarana, nesta frente de colonização louca que era o Norte do Paraná, para onde vinha gente do mundo inteiro. Testemunhei uma mistura incrível de "gentes". Lembro dos mascates coreanos, italianos e libaneses vendendo farnel de tecido. Quando o circo chegava à cidade os artistas se instalavam no hotel, ensaiavam no quintal. As conversas eram interessantíssimas. Tinha o "Menino Mais Inteligente do Mundo". Tinha o "Homem Mais Forte do Mundo", que puxava uma jamanta pelos cabelos. Tinha o Ted Boy Marino, cara a cara, fora do ringue... Parecia um filme de Fellini, mas em pleno sertão paranaense, anos 60. Aprendi a tocar violão com o Clério, meu irmão. Ele não só teve aulas de violão como tocava todo o repertório do Dilermando Reis num regional de choro. Tocava e compunha bossa nova, com aqueles acordes mais sofisticados e difíceis, aquela harmonização de samba que nasceu com a bossa nova, e eu fui aprendendo com ele. Depois, comecei a me exibir para os hóspedes, na sala de espera, depois do jantar [risos]. No hotel a gente via os festivais da Record, os compositores explicando o Brasil, os hóspedes batendo boca pra saber quem era melhor, Chico ou Caetano.

Como uma canção surge para você?

A gente sempre pensa a música nas três dimensões: melodia, ritmo e harmonia. Só que acho que existe uma quarta dimensão também, que é a "levada", a forma de organizar essas três dimensões na canção. É a "levada" que nos conduziu a essa diversidade de gêneros absurda, uma riqueza que nunca se esgota na música brasileira. Quando a fala, organizada em canções de três minutos, se torna produto industrial, junto com

o rádio, o falar brasileiro ganha dimensão universal. E aqui estamos. Legatários dessa fortuna subjetiva, deitando, rolando, gozando e sofrendo como *cançonautas*. Explorar todos os gêneros é um ativo do compositor brasileiro desde sempre; o desafio é não se repetir. Acho que a simbiose de letra-música e voz vem da fidelidade à fala, à prosódia. As ideias para uma canção vêm dos jeitos mais loucos: um verso que leio, uma frase que ouço, uma canção que a gente gosta e estimula a pesquisa. Às vezes, a música vem primeiro e fica um tempão sem letra. Com a ideia começada, a canção toma as rédeas (ou melhor, o timão), e impõe a sua coerência narrativa. Quantas vezes a gente ouve os escritores dizendo que, no processo de escrita, um personagem surge completo, que não há o que fazer a não seguir sua voz? Com a canção acontece a mesma coisa.

Bernardo Pellegrini no estúdio Audiodata, de Pedro Franciscon (Londrina), gravando "Quero Seu Endereço". 1998

Foto: Acervo Pessoal / Bernardo Pellegrini

Existe música ou canção paranaense, assim como podemos dizer que há uma carioca, baiana, gaúcha ou mineira? Temos uma tradição? Onde ela se encontra e quais os momentos altos que você poderia destacar?

A boa notícia: existe, sim. A má notícia: nenhum de nós sabe que música é essa [risos]. A marca dela é a diversidade, por isso ela é mais difusa e esparramada, pois o Paraná são vários. Não sei exatamente o que nos define, mas uma coisa é certa: nossa música já nasce do rádio, do convívio com todos os gêneros, nos desafiando a novas sínteses. Ela é diferente de uma música de rua, mais corporal, ritualística, e que constitui a música de massa no Brasil desde sempre, a música para dançar. A lista é enorme. Vai desde a banda A Chave, (que depois virou Blindagem e que ouvi ainda adolescente), a Vanguarda Paulista (que nasceu em Londrina, com os incríveis Arrigo Barnabé e Itamar Assumpção), além de todo aquele movimento dos 70 em torno do Paiol e depois do Tatára, o Cabelo, o Carlos Careqa... Muita gente. Você vai a Foz do Iguaçu e ouve guarânia com violão e harpa. Anda pelo Norte e tem dupla caipira para todo lado, além de uma indústria radiofônica poderosa. Depois, baixa no litoral e tem o fandango, estruturado inclusive com releituras do grupo Fato, que são maravilhosas. Vai a Paranavaí e cruza a história de um grupo como o Gralha Azul, com muitos discos gravados. Outro dia descobri uma plataforma fantástica, a *Every Noise at Once*, com músicas de 185 países, numa infinidade de gêneros. Se você clicar em "música londrinense", vai encontrar o trabalho de 60 artistas de Londrina. São grupos, duplas e solos, e olha que muita gente ficou de fora, como a Neuzza Pinheiro, a Simone Mazzer. Acho que uma característica marcante da música paranaense são as *lyrics*, as letras. São elas que definem nossa originalidade. Vem do Paulo Leminski, cancionista. Veja a produção do Thadeu Wojciechowski, Roberto Prado, Marcos Prado, Sérgio Viralobos. Veja o trabalho do Octávio Camargo com a *Odisseia*, o programa *Radiocaos*, do Rodrigo Barros e do Samuel Lago, o próprio trabalho da banda Maxixe Machine. Isso sem

dizer das letras da Alice Ruiz, que considero a maior letrista em atividade na música brasileira. Sem esquecer, claro, da emergência do hip hop. Hoje, em Londrina, tem sete batalhas de rima, uma por dia, reunindo centenas de compositores, com um protagonismo inédito das mulheres jovens. Aliás, a presença da compositora jovem é uma marca não só do Paraná, mas do Brasil e em todos os gêneros.

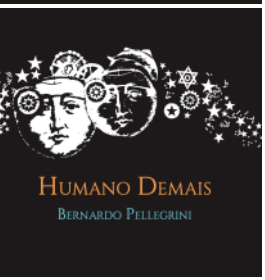
Foto: Acervo Pessoal / Bernardo Pellegrini

Show do Bando do Cão Sem Dono e Big Band, com Vitor Gorni e convidados. Na foto, da direita para a esquerda: Gilberto de Queiroz (trombone), Vitor Gorni (sax), Marco Scolari (acordeão) e Bernardo Pellegrini (violão e voz). Teatro Marista. Londrina, 2000

Se um ET chegasse aqui e fosse guiado apenas pelas pautas jornalísticas, festivais, pelas orientações da "cultura oficial", pensaria que só existe cultura e literatura em Curitiba, como se a Capital fosse todo o Paraná. Por que há esse tratamento diferenciado, esse distanciamento entre Curitiba e o resto do Estado? O que seria possível fazer para que exista uma visão mais ampla e inteligente do que é produzido aqui, em termos culturais? O que seria possível fazer em termos de melhoria das políticas públicas para a cultura no Paraná?

O grande patrimônio da cultura do Paraná é sua diversidade. Temos os caipiras, os povos originários, os pretos, quilombolas, os brasiguaios, os ribeirinhos, os povos do litoral, imigrantes de todos os continentes espalhados por todo o território. Uma política de Estado deveria incentivar essa potência, essa riqueza que nos coloca no mapa da cultura de maneira original. No entanto, 80% dos recursos estatais da cultura ficam em Curitiba. Pior, financia-se um sistema cultural caro e antiquado, com seus museus, corpos de baile e orquestra, valorizando as origens brancas e europeias da Capital. O Leminski tratou desse assunto num ensaio em que comparou Curitiba com Salvador. Segundo ele, uma cidade branca que copia e outra, multiétnica, que cria. Se você for resumir o Wilson Martins e as pregações paranistas, ele dizia que Curitiba era o futuro da civilização brasileira porque não tinha preto. E tinha preto, tinha índio e eles estão, aos poucos, ocupando o seu lugar na história. Veja o Waltel Branco, que acaba de ganhar uma biografia linda. Ele é a maior expressão da música do Paraná no Brasil – e era preto. O Nhô Belarmino e Nhá Gabriela, sucesso nacional e que até hoje vivem meio à margem da história oficial de Curitiba. Vivemos décadas de *apartheid* entre capital e interior do Estado. Por isso eu digo que já foi pior. Quando as eleições para governador foram retomadas na redemocratização e o José Richa elegeu-se o primeiro governador do interior do Paraná, ele formou um secretariado cheio de gente de Cascavel, Foz, Londrina, Maringá. Ali começou um processo que não acabou até hoje. Nas periferias da Capital e cidades vizinhas tem gente de todo o lugar do Estado, mas os recursos ainda prio-

rizam a Curitiba "vitrine" e os artistas chapa branca. Temos que avançar num projeto de cultura que viabilize grandes processos regionais, trocas e intercâmbios. Com a retomada do Ministério da Cultura, estamos construindo um sistema nacional de cultura, que já viabiliza recursos consideráveis. É um momento de possibilidades.



Imagens: Acervo Pessoal / Bernardo Pellegrini

Foto: Lucas Livero

Bernardo em sua casa, em Londrina, durante o lançamento do disco *Outros Planos* (2018)

Você foi, por duas vezes, Secretário de Cultura de Londrina. Fale um pouco sobre essa sua experiência com elaboração de políticas públicas para a cultura.

Na minha última passagem como Secretário de Cultura (2020-2024) criamos um grupo de secretários de sete das maiores cidades do interior do Estado: Foz do Iguaçu, Toledo, Cascavel, Guarapuava, Maringá, Londrina e Ponta Grossa. Apesar dos problemas comuns, hoje todas elas têm uma Secretaria de Cultura e um projeto de cultura como política pública. Essas conquistas são conquistas recentes. Na minha primeira passagem [2000-2004], criamos o Promic. Foi um dos primeiros sistemas de gestão da cultura como política pública, com a cidade pensada como sistema em redes e circuito expressivo. Em 2023, o programa fez 20 anos, tendo financiado quase 3 mil projetos socioculturais que transformaram Londrina numa grande rede de iniciativas , em todas as linguagens, para todas as idades. Começou com 3% do orçamento da cidade e hoje não chega a 1%. Mesmo assim, o modelo foi preservado enquanto política de Estado atravessou governos, coisa rara no Brasil. Sempre digo e, quando digo, incomodo: o dinheiro público não existe para financiar o artista, estritamente. Ele é para financiar o público, o contribuinte, garantir à população o acesso às linguagens através de oficinas socioculturais em todas as áreas. O acesso à cultura é um direito humano – é o bem supremo. Ele tem que ser viabilizado como política pública, como na Assistência, na Saúde, na Educação, onde o Brasil já tem presença arrojada. É pela cultura que o humano vive e organiza as suas emoções. E a organização das emoções humanas é uma demanda urgente nesse momento de crise iminente. As pessoas precisam viver suas emoções, mas elas são treinadas para escondê-las, não para revelá-las. As emoções são tudo para nós. Elas constituem a nossa antroposfera, para usar o termo de Humberto Maturana. O planeta Terra é o planeta emoção. Por isso, é preciso conhecê-las, e isso a gente consegue lendo, assistindo filme, vendo show, mas também cantando e tocando, realizando e interagindo. Isso é compartilhamento, garantido por uma política pública. É o futuro.

Site Oficial
bernardopellegrini.com.br

Discografia
Humano Demais (1990)
Dinamite Pura (1994)
Quero Seu Endereço (1998)
Big Bando (2000)
É Isso que Vai Acontecer (2010)
Outros Planos (2018)

Onde ver e ouvir Bernardo Pellegrini:
Facebook: *bernardopellegrini*
Youtube: *bernardoeobando*
Plataformas: *Spotify, Deezer, Napster* e *Google Play*

Cancioneiro peregrino

Algumas letras de canções de Bernardo Pellegrini que integram *Fêmeo*, plaquete editada por Jardel Dias Cavalcanti (Galileu Edições, Londrina, 2023)

Dei um Beijo na Boca do Medo

Dei um beijo na boca do medo e saí por aí
Pela noite tão longa
Passei por terreiros iluminados
Na rodoviária o meu mundo caiu
Peguei na mala uma meia
Vai fazer frio
Vai fazer frio

Falei pro cara sentado só do meu lado
Eu hoje não sofro mais
Sonhei com a Fortuna nas rodas do carro
O pai debaixo das saias da Grande Mãe
Eu não tenho carro eu não tenho grana
Os anjos me fazem mal
Me fazem mal

Eu sei que o medo é uma droga pesada
E na porta dos céus eles pesam as almas dos mortos
Só me interessa o que sentem os golfinhos
Nas grandes rotas do mar
Eu não tenho casa
Eu não tenho grana

Vai fazer frio
Vai fazer frio

Gravada por Bernardo Pellegrini no álbum *Dinamite Pura* (1994) e por Simone Mazzer no álbum *Férias em Videotape* (2015), foi tema de abertura da minissérie de TV *Me Chama de Bruna* (Fox Premium, 2016 – 2020)

Caramujo (Inédita)

Para Manoel de Barros

De tudo me sujo
Do azul do azulejo me sujo
Na água da chuva sujo
Na enxurrada

De tudo me sujo
Me sujo de tudo o que eu vejo
Sujo do seu beijo sujo
Do desejo mais vagabundo

De tudo me sujo
Como todo o mundo me sujo
Tudo atinge meu refúgio
Tudo tinge minha casa de caramujo

Luz câmera ação
Às vezes me pego fugindo
Em minha própria direção

Parto

Não há mar
Não há barco
Mas mesmo assim
Embarco

Não há mar
Não há porto

Não há bilhete de ida
Não há portão de embarque

Só a dor da partida
Mas mesmo assim parto
Só a dor da partida
Mas mesmo assim parto
Dor da partida
Parto
Dor
Parto

Cruzar o canal
Ganhar o mar alto
A vida vai à deriva
Num oceano azul cobalto

Gravada por Bernardo Pellegrini no álbum *Outros Planos* (2018)

Anotações Para um Novo Romance

Anotações para um novo romance
Romance, anotações,
Na última cena, cena do adeus,
cena dos beijos ardentes
Você sai do set
E o sétimo céu se move suavemente
O quinto elemento, o sexto sentido
O fundo infinito, a luz imanente
O que você sente será filtrado por uma lente
Quero te ver, olhar pra você, falar com você
Sair com você, ficar sem dizer nada
Quero te ver, olhar pra você, falar com você
Sair chegar ficar até dizer chega
Mas sobre nós uma nuvem, um destino atroz
Mas entre nós uma sombra, uma segunda voz
À sua espreita há sempre um algoz
Um sujeito oculto um vulto
À sua volta há sempre uma névoa
Há sempre um suspeito

O último close, a última pose
A última dose, o último grau
Primeira impressão
Segunda edição
Terceiro sinal
A casa caiu e ponto final

Gravada por Bernardo Pellegrini no álbum *Outros Planos* (2018)

Lunagens

Lunagem na névoa
Paisagem de um blues
Seu rosto todo azul
Auréola de luz ígnea
No céu

Dilúvio níveo véu
Plumagem de trigais
Estrias azuis
Um frio de prata nu
Um fio de prata no breu

Viagem volúvel
Na sombra dos pastéis
Fulgor frio de fás
Marolas febris de íris
Lilás

Insígnias selvagens
Nos lábios dos faróis
Estranhos sinais
Parábola de imagens
No ar

Gravada por Bernardo Pellegrini no álbum *Humano Demais* (Londrina, 1990)

Os Dias

Os dias
Se partem
Os dias
Se perdem
Os dias
Se repartem
Os dias
Se repetem
Se repetem
Se repetem

Os dias se repetem
Mas não se repetem iguais
Os dias nos refazem
Os dias nos trazem sinais
É no viés dos dias
Que os dias nos revelam mais
Eu vejo o brilho dos dias
Nos olhos dos animais

Os dias
Se partem
Os dias
Se perdem
Os dias
Se parecem
Os dias
Anoitecem
Amanhecem
Se parecem

Gravada por Bernardo Pellegrini no álbum *Quero Seu Endereço* (1990)

Rodrigo Garcia Lopes (Londrina, 1965) é poeta, romancista, tradutor, compositor e jornalista. Sua música pode ser ouvida em **rgarcialopes.wixsite.com/site**. Seus últimos livros são *O Enigma das Ondas* (Iluminuras, 2020), *Poemas Coligidos (1983-2020)* (Kotter, 2023) e a *Zona e Outros Poemas, de Guillaume Apollinaire* (Penguin-Companhia das Letras, Selo Clássicos, 2024).

Ho mem -Ur ubu

Rogerio Skylab

I

Gosto de ficar aqui porque tenho, como campo de visão, o lixão lá embaixo. Eu não seria o que sou se não fossem as longas horas ali passadas. Uma antena de televisão me é suficiente para ficar aqui, parado. Por detrás, estende-se a cidade grande. Pouco interesse me suscitaria a cidade grande, não fosse ela o manancial, a origem de tudo isso que vejo agora. Uma réstia de sol ilumina o lixão lá embaixo. Uma cor plúmbea dele se desprende, e posso imaginar quantas cores não foram necessárias para produzir aquela tonalidade.

II

Desde que me sei como sou, é pra lá que volto meus pensamentos. Só o lixão me interessa. Nada me é mais compatível aos interesses. Percebo também um certo desprezo que meus companheiros me devotam, como se eu não pertencesse à mesma espécie. Esse desprezo é recíproco, ainda que em alguns momentos eu sinta o peso da solidão. Por enquanto, vou ficando por aqui, sem outra perspectiva. É possível que, para muitos, isso seja bem pouco. Mas nada me é mais prazeroso do que ficar aqui, parado.

III

Parece que o tempo vai mudar. Está soprando um vento que vem das cordilheiras. Me é forçoso constatar que quando isso acontece, o tempo fica instável e sujeito a chuvas e trovoadas. Daqui, posso perceber também um cheiro que começa a se propagar em ondas contínuas. Diviso um pedaço de carne em poucos segundos. Me foi dado o poder de enxergar longas distâncias e confesso que estou bem tentado a ir até lá.

IV

Vários começam a dar o sinal. Estão a voar em círculo, cujo diâmetro diminui à medida que se aproximam. Nenhum urubu morre de fome. Em todas as direções, os cheiros denunciam um mundo farto e abundante. Posso vê-los cada vez mais perto do alvo. Entre eles, um permanece o guia. Cabe a este iniciar o processo da carnificina. Mas, enquanto não fizer o pouso, nenhum dos demais o fará. Eis que, finalmente, pousa. Imediatamente, os demais o fazem, ainda que permaneçam a certa distância. O urubu é como todas as aves: arisco e desconfiado. Primeiro, ele sonda o terreno, o ambiente em torno, e só quando se certifica de que não há nenhum risco é que inicia o processo. Então, os demais se aproximam e, com as garras fincadas no alvo, dão início à devastação através de vigorosas bicadas. Daqui, me é impossível vislumbrar a vítima, uma vez que meu campo de visão permanece tolhido por uma mancha negra que o recobre. Normalmente, seriam necessários poucos minutos para que se dispersassem, devidamente alimentados. Os urubus são indispensáveis ao ecossistema: sem sua atividade, a natureza estaria entregue à deterioração por parte de bactérias resistentes.

V

Algo estranho aconteceu. É que tudo que lhes narro advém de uma velha tradição. O mundo da natureza não é sujeito às revoluções dos homens. Tudo aqui é movido pelo instinto. Não estamos no campo movediço das ideias. De forma que os urubus, que tolhiam meu campo de visão, só deveriam ser dispersos quando tivessem posto fim àquele mundo feito de nervos, sangue, vísceras, devidamente decompostos. Mas, daqui da antena, percebo que ele mexe os bracinhos e as perninhas e chora compulsivamente. Daqui, tem-se a impressão de que não se trata de algo podre, entregue ao trabalho invisível das bactérias. É uma criança. Os urubus se afastam e permanecem resignados a olhá-la

de longe. Nenhum bate em retirada. O urubu é persistente, como se tivesse a ciência de que nada pode persistir ao tempo.

VI

Eu me acostumei a essa vida. Gosto de longas planagens e sei que poucos serão tão hábeis no voo quanto os da minha espécie. Às vezes, voo por voar, e não há prazer maior. Percorro longas distâncias e, com frequência, atinjo cidades diferentes num breve espaço de tempo. Gosto também de permanecer pousado. Daqui, por exemplo, vejo catedrais, viadutos, longas faixas de rio a cortar a cidade... e talvez tenha aprendido com os meus essa serenidade que me faz tão contemplativo. A noite vem chegando devagarzinho. Uma brisa sopra suave e, quando dei por mim, já amanhecia. Os urubus fazem ronda: permanecem no mesmo lugar da véspera. Eles acompanham, tanto quanto eu, o desenrolar dos acontecimentos.

VII

Ela começa a engatinhar — não sei ao certo o período de tempo que se passou até que viesse a engatinhar. Muitos urubus se acostumaram à sua presença e a tratam agora com naturalidade. Ela põe tudo na boca. No início, tinha muita caganeira. Não sei como se alimentara nos primeiros dias. O contato da boca com os detritos talvez lhe fosse suficiente para manter-se viva. Mas, se antes era ocasional, agora ela própria ia ao encontro deles. E punha tudo na boca. Continua muito magra, e é perturbador o fato de ter sobrevivido. A cor de sua pele é de difícil classificação, mas, em função de se manter exposta às chuvas e tempestades, o encardido é o que melhor lhe adequa. Tenho todos esses dias acompanhado o seu crescimento. É uma presença constante no lixão.

VIII

Todas as noites, o caminhão despeja grande quantidade de lixo, uma fonte contínua de vida. Ela se parece cada vez mais com os urubus. Aprendeu que deveria estar onde eles estivessem. Aprendeu com eles muitas outras coisas: o seu modo tranquilo, silencioso; a paciência com que se postam nos galhos das árvores, até que lhes seja permitido avançar com suas garras; a solidariedade com que devastam, em pouco tempo, tecidos, carnes, substâncias gelatinosas, até que não restem senão ossos. E tudo isso foi lhe dando um aspecto inconfundível de urubu. Até mesmo o intestino passava a ter um metabolismo diferente do dos humanos.

IX

À medida que foi crescendo, esbarrou em uma dificuldade incontornável: aprender a voar. É desalentador vê-lo caindo, espatifando-se ao chão. Todas as suas tentativas de voo foram malogradas. Como não tinha plumas nem asas, os braços exerciam a função. Certa feita, subiu até a copa de uma árvore solitária e repetiu o mesmo gesto de um urubu. Ao se atirar, pôs-se a bater convulsivamente os braços, enquanto era arrastado para baixo pelo peso maior da gravidade. Encontrando o chão, permaneceu ali por longo tempo. Só depois de dois dias recuperou o movimento dos braços e das pernas. Mas nenhuma dessas tentativas malogradas lhe arrefeceu os ânimos. Todos os dias, punha-se a exercitar o corpo, tendo como único objetivo o voo. Punha-se em atenção redobrada quando seu campo de visão esquadrinhava o voo de um urubu. Não seria como eles se não conseguisse imitá-los. Uma sombra cobriu-lhe a face, temeroso de que nunca conseguisse.

X

Certo dia, estava ele de cócoras a bolinar com uma barata, das muitas que habitavam o lixão, e, antes que a pusesse na boca, percebeu um cheiro forte que vinha do outro lado. Pôde então levantar a cabeça e vislumbrar uma quantidade enorme de urubus pousando em torno. Uma fome que há muito não sentia talvez tenha sido a responsável. O fato é que, batendo os braços e as pernas, empreendeu o seu primeiro voo. Nada era tão emocionante quanto permanecer, como ele o fazia, flutuando no ar. Já estava a certa altura quando se pôs a relembrar os medos que sentira durante o seu aprendizado. E aquilo fora suficiente para que despencasse ao chão. Então, averiguando o erro, viu que só lhe seria permitido voar se fosse capaz de esquecer qualquer sombra de dúvida, até mesmo de alegria. Deveria estar imune a qualquer pensamento e a qualquer emoção. Então, reiniciou o voo, leve, lépido, e chegou junto aos seus, que, naquele instante, devoravam uma grande carniça de boi.

XI

Estranho a contatos humanos, sempre que dele se aproximavam, punha-se em fuga. Tudo lhe advinha dos urubus. Até mesmo a importância da água descobriu quando, certa tarde, viu um daqueles negros pássaros encostar o bico numa poça acumulada pelas águas da chuva. Ao repetir o movimento, ele descobriu a suavidade da água, o seu frescor, e pôs-se a repetir a operação várias vezes durante o dia.

XII

Mas detinha muitas diferenças que o tornavam desprezado pelo resto. No seu corpo não cresciam penas, muito menos asas. À medida que o tempo passava, seus membros aumentavam de proporção, a ponto de se parecer com um monstro em meio ao bando.

Outra diferença notável era sua capacidade de articular o som. Em função disso, tornou-se um exímio imitador de trovoadas, do canto de outros pássaros e, sobretudo, do avião que passava rente ao lugar em que pousávamos. Muitos de nós eram frequentemente dizimados pelas turbinas dos aviões, que representavam uma preocupação constante.

XIII

Não havia briga entre os membros. Formávamos uma sociedade pacífica, cujo líder era escolhido pelo único critério da antiguidade. Diferentemente do que sucedia em outras sociedades, nas quais o critério da força prevalecia, temo que, se assim fôssemos estruturados, o Homem-Urubu se apossaria à força da sociedade humana.

XIV

Enganam-se os que nos associam à tristeza e ao azar. Os gatos, principalmente os de cor preta, também sofrem essas associações, eivadas de preconceito e ignorância. No nosso caso, a ausência do canto fez aumentar ainda mais o preconceito. Não imaginam que possamos nos extasiar diante de um pôr do sol ou que, quando voamos, percorrendo longas extensões, muitas vezes o fazemos por pura recreação. Lembro-me do seu primeiro voo a longa distância, quando já possuía os segredos que nos faziam os grandes voadores da espécie. Ainda que tivesse aprendido a dominar as emoções, não pôde se abster dos gritos de alegria e admiração. Tudo isso fez recair sobre si olhares de desconfiança, contra os quais ele pouco tinha a fazer. Acabou integrando-se ao grupo e é hoje um profundo conhecedor de sua técnica: do acasalamento à estrutura familiar, dos diferentes tipos de cheiro à sua forma pacífica de ser. Tudo isso lhe veio através de uma entrega absoluta, cujo teor a ciência não consegue entender.

XV

O lixão exala seus sabores. Retenho meu olhar a cada profusão de cheiros. Sei o quanto é difícil manter a atenção voltada para aquilo que não nos constitui. Todos os artifícios empregados, nesse sentido, são bem-vindos. Eu mesmo me pus pousado sobre uma antena fictícia para narrar as aventuras do Homem-Urubu, como se ele não fosse eu. As vicissitudes, as fraquezas, o longo calvário até chegar a ser o outro.

Mas, naquela tarde, ao voar junto com os demais, viu-se tomado de uma estranha alegria. Ninguém poderia acusá-lo de nada. Ele era tudo que as suas condições de vida lhe permitiram. O sol declinava no horizonte e deixava no céu um tom avermelhado. Então, pela primeira vez, emitiu um som agudo, único, que varou uma grande extensão do céu.

Foto: Felipe Mesquita | Edição *Cândido*

Rogerio Skylab tem uma sólida trajetória musical e publica livros de gêneros variados. *Futebol de cego* (poesia), *A melodia trágica* (teoria musical) e *A outra volta da outra volta: um estudo sobre Henry James* (crítica literária) são alguns já lançados. *Homem-Urubu*, uma coedição entre Madame Psicose e Kotter Editorial, marca a estreia do autor na ficção.

A última obra

Pedro Guerra

O funcionário olhou para o documento várias vezes. Era ele mesmo: o Jérson escrito com "j" não deixa dúvidas. O único Jérson com "j" – e acento agudo no "e". Por fim, chegou o dia em que certamente o maior contista paranaense, provavelmente o maior contista brasileiro, possivelmente o maior contista do mundo havia feito a passagem. Jérson, com "j" mesmo.

Ele já havia antecipado esse momento, desde o dia em que foi aprovado no concurso público para a prefeitura, lotado na Secretaria de Meio Ambiente, mais precisamente no Serviço Funerário Municipal de Curitiba. Não o momento em que teria que cadastrar o número do FAF do seu pai ou o da sua querida mãezinha, os quais, aliás, vão muito bem. Ele anteviu primeiro, antes de tudo, o momento em que publicaria a nota de óbito dele, do autor de monumentais e, ironia das ironias, imorríveis clássicos da literatura na sua forma mais breve. Quantas páginas de sua obra havia lido com os olhos secos de alumbramento? Todas, indo e voltando. Uma vida devotada a admirar aquelas letras como se fossem filamentos de uma aurora boreal a costurar amores, manias, taras e perversões curitibanas no tecido da eternidade. E por antecipar há tempos esse momento, ele já havia se preparado para ele.

Nenhuma palavra haveria de ser oficializada nos registros da prefeitura. O destino do gênio, tão conhecido pela sua genialidade quanto pela sua aversão a holofotes e flashes, pela sua vida reclusa e misteriosa, deveria permanecer coberto pelo plúmbeo manto do silêncio. Como poderia ser diferente? E as gentes assomando à porta da sua casa? Ele morreu? Ele morreu? Oh, ele morreu! Ele morreu! Tragédia, tragédia! O gênio morreu! Seu nome frequentando as bocas de toda a cidade. As redes sociais em alvoroço! O prefeito, o governador, o presidente! Os discursos, as homenagens. As colunas nos jornais se refestelando. Os repórteres tocando a campainha, as matérias na tevê. A sua vida mais uma vez violada, manchada pela lama que escorre das canetas! O funcionário nunca poderia deixar isso acontecer. E não deixarei, pode apostar, completou em voz alta. O gênio não precisa de homenagens. O gênio apenas oferece a sua obra, e em troca só exige paz. Uma troca, ou melhor, um presente mais

do que justo para quem completaria um século de vida em poucos meses.

E então um clique aconteceu na cabeça do funcionário, como o exato momento em que a chave entra no buraco da fechadura e seus dentes se encaixam perfeitamente no mecanismo do tambor. Clique. Cem anos... É claro. Cem anos, meu Deus! Oh, que terríveis as celebrações! Que hediondas as comemorações! Ele está vivo? Ele está vivo? Sim, ele está vivo! Glória! Glória! O gênio está vivíssimo! Os pedidos de entrevistas, os documentários, as matérias cheias de anedotas e invencionices, sua vida – aí, sim – devassada, aviltada! As entediantes quermesses literárias e suas enfadonhas mesas sobre as malditas cem circunvoluções ao redor do Sol! O horror! O horror!

E então, após um instante, o funcionário sorriu.

E sorriu mais ainda.

E sorriu até gargalhar.

Como o funcionário poderia ser tão ingênuo? É claro: o gênio iria escrever pelas mãos do próprio funcionário a sua última obra, seu mais exato e perfeito conto, sua nota de óbito, sua irrevogável carta de alforria. Era isso! Sim! Só podia ser isso! E daquele ponto final em diante, só os seus livros importariam, apenas e tão somente suas obras. E ele finalmente viveria para sempre, como um bom vampiro, e, até que enfim, em paz. ❮

Foto: Paulo Vitola

Pedro Guerra nasceu em Fortaleza (CE). Formou-se em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará e estudou Propaganda na Escola Superior de Propaganda e Marketing, em São Paulo (SP). Em 2003 mudou-se definitivamente para São Paulo onde consolidou sua carreira de redator publicitário. Lançou o seu primeiro livro, *Avenida Molotov* (Quelônio, 2008), e depois *O maior ser humano vivo* (Record, 2024).

O Presente – The Velvet Underground

Lou Reed

Tradução por Melissa Luz

Waldo Jeffers havia atingido o seu limite.

Já era pra lá de agosto, o que significava que ele estava separado de Marsha há mais de dois meses. Dois meses, e tudo o que ele tinha eram três cartas amassadas e duas ligações de longa distância bem caras. Sim, quando as aulas acabaram e ela voltou para Wisconsin, e ele para Locust, Pennsylvania, ela tinha jurado manter uma certa fidelidade. Ela sairia de vez em quando, mas só por diversão. Ela se manteria fiel.

Mas ultimamente Waldo havia começado a se preocupar. Ele estava tendo dificuldades para dormir à noite, e quando dormia, tinha sonhos terríveis. Ele ficava acordado à noite, rolando de um lado para o outro debaixo do cobertor, lágrimas se formando em seus olhos enquanto imaginava Marsha, suas promessas vencidas pela bebida e pelo papo furado de algum Neandertal, finalmente se entregando ao prazer vazio. Era mais do que a mente humana podia aguentar.

Visões da infidelidade de Marsha o assombravam. Fantasias de abandono sexual preenchiam seus pensamentos. E o problema era, ninguém entenderia como ela realmente era. Ele, Waldo, era o único que compreendia isso. Ele havia capturado intuitivamente cada canto e recanto de sua psique. Ele fez ela sorrir. Ela precisava dele, e ele não estava lá (*Aw!*).

A ideia ocorreu-lhe na quinta-feira anterior a *Mummers' Parade** acontecer. Ele tinha acabado de cortar e aparar o gramado dos Eldesons por um dólar e cinquenta e foi ver a caixa de correio para ver se havia pelo menos uma palavra da Marsha. Não tinha nada exceto um panfleto da Companhia de Alumínio Fundido da América perguntando se ele precisava de toldos. Pelo menos eles se importaram o suficiente para escrever.

Era uma empresa de Nova York. Você podia ir a qualquer lugar pelos correios. Aí, ele teve a ideia. Ele

*N. do T.: A Mummers' Parade é uma tradicional celebração de Ano Novo na Filadélfia, com desfiles de pessoas fantasiadas, música e teatro. Sua origem remonta ao século 17, com fortes influências europeias.Escritora nascida na Martinica, professora, acadêmica, ativista anticolonial e feminista e surrealista.

não tinha dinheiro suficiente para ir a Wisconsin de maneira convencional, claro. Mas por que não se enviar por correio? Era absurdamente simples. Ele se enviaria pelo correio, com entrega especial.

No dia seguinte, Waldo foi ao supermercado para comprar o equipamento necessário. Ele comprou fita adesiva, um grampeador e uma caixa de papelão de tamanho médio, perfeita para o corpo dele. Ele calculou que, mesmo com um mínimo de sacudidas, até poderia viajar confortavelmente. Alguns buracos para respirar, um pouco de água, talvez uns lanchinhos pra meia-noite, e provavelmente seria tão bom quanto viajar como turista.

Pela tarde de sexta-feira, Waldo estava pronto. Ele estava completamente embalado e o Correio havia confirmado que o buscaria às três horas. Ele havia marcado o pacote como "Frágil". E lá estava ele, encolhido dentro da caixa, descansando sobre a espuma que colocou com tanto cuidado. Tentou imaginar o olhar de surpresa e felicidade no rosto de Marsha quando ela abrisse a porta, visse o pacote, desse gorjeta ao entregador e então o abrisse para ver seu Waldo finalmente ali, em carne e osso. Ela o beijaria, e depois talvez pudessem ver um filme.

Se ao menos ele tivesse pensado nisso antes. De repente, mãos bruscas agarraram seu pacote, e ele se sentiu sendo levantado. Caíu com um baque em um caminhão e partiu.

Marsha Bronson tinha acabado de terminar de fazer o cabelo. Foi um fim de semana muito difícil. Ela tinha que se lembrar de não beber daquele jeito. Mesmo assim, Bill tinha sido legal a respeito. Depois que tudo acabou, ele disse que ainda a respeitava, e no fim das contas, era certamente o curso natural das coisas. E, embora, não, ele não a amasse, ele tinha um certo carinho por ela. E, afinal, eles eram adultos. Ah, o que Bill poderia ensinar a Waldo! Mas isso parecia ter sido há muitos anos atrás.

Sheila Klein, sua melhor amiga, entrou pela porta da frente e foi direto para a cozinha.

— Ai, meu deus, tá um clima tão piegas lá fora!

— Aff, eu sei o que você quer dizer. Tô me sentindo toda esquisita.

Marsha apertou o cinto do seu roupão de algodão com borda de seda. Sheila passou o dedo sobre alguns grãos de sal na mesa da cozinha, lambeu o dedo e fez careta.

— Eu deveria estar tomando essas pílulas de sal, mas... — ela franziu o nariz. — Elas me fazem ter vontade de vomitar.

Marsha começou a se bater embaixo do queixo, um exercício que ela tinha visto na televisão.

— Ai, nem me fale disso!

Levantou-se da mesa e foi até a pia, onde pegou um frasco de vitaminas rosa e azul.

— Quer uma? Dizem que é melhor que bife.

E então tentou tocar os próprios joelhos.

— Eu acho que nunca mais vou tocar em um daiquiri de novo.

Ela desistiu e se sentou mais perto da mesinha onde o telefone ficava.

— Talvez o Bill ligue — ela disse, olhando para Sheila.

Sheila roía a cutícula.

— Depois da noite passada, pensei que já tivesse terminado com ele.

— Eu te entendo perfeitamente. Meu Deus, ele parecia um polvo. As mãos em todo lugar!

Ela gesticulou, levantando os braços em defesa.

— O lance é que, depois de um tempo você cansa de brigar com ele, sabe? E, no fim das contas, eu não fiz nada na sexta e no sábado, então meio que devia isso a ele. Sabe como é, né?

Começou a coçar a cabeça. Sheila estava rindo baixinho com a mão na boca.

— Eu vou te contar, senti a mesma coisa, e, mesmo depois de um tempo...

Ela se inclinou para frente, sussurrando.

— ...Eu queria!

Agora ela estava rindo bem alto.

Foi então que o Sr. Jameson, do Correio Clarence Dare, tocou a campainha da grande casa de estuque. Quando Marsha Bronson abriu a porta, ele a ajudou a carregar o pacote para dentro. Ele teve seus papéis amarelos e verdes assinados, e saiu com uma gorjeta de

quinze centavos, que Marsha pegou na bolsinha bege da sua mãe no escritório.

— O que será que é? — Perguntou Sheila.

Marsha ficou com os braços cruzados atrás das costas, observando a caixa de papelão marrom no meio da sala.

— Não sei.

Dentro da embalagem, Waldo tremia de emoção, ouvindo as vozes abafadas. Sheila passou a unha pela fita adesiva que descia pelo centro da caixa.

— Por que você não olha o endereço do remetente para ver de quem é?

Waldo sentiu seu coração disparar. Ele podia sentir os passos vibrando.

Estava quase na hora.

Marsha deu a volta na caixa e leu o rótulo riscado à tinta.

— Ah, meu Deus, é do Waldo!

— Aquele idiota — disse Sheila.

Waldo tremia de expectativa.

— Bom, você pode abrir, né? — disse Sheila, e as duas tentaram levantar a aba grampeada.

— Ah, caramba — disse Marsha, gemendo.

— Ele deve ter grampeado tudo.

Elas puxaram de novo.

— Meu Deus, você vai precisar de uma furadeira para abrir isso!

Puxaram mais uma vez.

— Você não consegue fazer nada.

Ambas ficaram paradas, ofegantes.

— Por que você não pega uma tesoura? — sugeriu Sheila.

Marsha correu para a cozinha, mas o máximo que encontrou foi uma tesourinha de costura. Então lembrou que seu pai tinha uma coleção de ferramentas no porão. Desceu correndo e, quando voltou, estava com um grande cortador de chapa de metal nas mãos.

— Foi o melhor que consegui. — Ela estava sem fôlego. — Aqui, você faz.

Eu — eu vou morrer!

Ela se deixou cair no sofá fofinho e soltou um suspiro. Sheila tentou fazer um corte entre a fita e a aba da caixa. Mas a lâmina era grande demais, e não havia espaço suficiente.

— Maldição, que coisa! — disse, muito exasperada. Então sorriu. — Tenho uma ideia.

— O quê? — perguntou Marsha.

— Olha e aprende — disse Sheila, tocando a cabeça com o dedo.

Dentro da caixa, Waldo estava tão ansioso que mal conseguia respirar. Sua pele estava arrepiada pelo calor, e sentia o coração batendo na garganta.

Estava quase na hora.

Sheila se levantou e andou para o outro lado da caixa. Então, ajoelhou-se, segurou o cortador com as duas mãos, respirou fundo e cravou a lâmina bem no centro da caixa, atravessando a fita, atravessando o papelão, atravessando a espuma e, finalmente, o centro da cabeça de Waldo Jeffers, que se abriu lentamente, fazendo escapar pequenos filetes de um vermelho vivo que pulsavam sob o sol da manhã.

(Da esquerda para a direita) Lou Reed, Sterling Morrison, John Cale e Maureen "Moe" Tucker

Foto: MGM Records / Verve Records | *Edição Cândido*

The Gift — The Velvet Underground

Waldo Jeffers had reached his limit.

It was now mid-August which meant that he had been separated from Marsha for more than two months.

Two months, and all he had to show were three dog-eared letters and two very expensive long-distance phone calls. True, when school had ended and she'd returned to Wisconsin and he to Locust, Pennsylvania she had sworn to maintain a certain fidelity. She would date occasionally, but merely as amusement. She would remain faithful. But lately Waldo had begun to worry. He had trouble sleeping at night and when he did, he had horrible dreams. He lay awake at night, tossing and turning underneath his printed quilt protector, tears welling in his eyes, as he pictured Marsha, her sworn vows overcome by liquor and the smooth soothings of some Neanderthal, finally submitting to the final caresses of sexual oblivion. It was more than the human mind could bear.

Visions of Marsha's faithlessness haunted him. Daytime fantasies of sexual abandon permeated his thoughts. And the thing was, they wouldn't understand who she really was. He, Waldo, alone, understood this. He had intuitively grasped every nook and cranny of her psyche. The idea came to him on the Thursday before the Mummers Parade was scheduled to appear. He had just finished mowing and edging the Edelsons lawn for a dollar-fifty And had checked the mailbox to see if there was at least a word from Marsha. There was nothing more than a circular form the Amalgamated Aluminum Company of America inquiring into his awning needs. At least they cared enough to write.

It was a New York company. You could go anywhere in the mails. Then it struck him: he didn't have enough money to go to Wisconsin in the accepted fashion, true, but why not mail himself? It was absurdly simple. He would ship himself parcel post special delivery. The next day Waldo went to the supermarket to purchase the necessary equipment. He bought masking tape, a staple gun and a medium sized cardboard box, just right for a person of his build. He judged that

with a minimum of jostling he could ride quite comfortably. A few airholes, some water, a selection of midnight snacks, and it would probably be as good as going tourist.

By Friday afternoon, Waldo was set. He was thoroughly packed and the post office had agreed to pick him up at three o'clock. He'd marked the package "FRAGILE" and as he sat curled up inside, resting in the foam rubber cushioning he'd thoughtfully included, he tried to picture the look of awe and happiness on Marsha's face as she opened the door, saw the package, tipped the deliverer, and then opened it to see her Waldo finally there in person. She would kiss him, and then maybe they could see a movie. If he'd only thought of this before. Suddenly rough hands gripped his package and he felt himself borne up. He landed with a thud in a truck and then he was off.

Marsha Bronson had just finished setting her hair. It had been a very rough weekend. She had to remember not to drink like that. Bill had been nice about it though. After it was over he'd said that he still respected her and, after all, it was certainly the way of nature and even though no, he didn't love her, he did feel an affection for her. And after all, they were grown adults. Oh, what Bill could teach Waldo — but that seemed many years ago. Sheila Klein, her very, very best friend walked in through the porch screen door into the kitchen. "Oh God, it's absolutely maudlin outside."

"Ugh, I know what you mean, I feel all icky." Marsha tightened the belt on her cotton robe with the silk outer edge. Sheila ran her finger over some salt grains on the kitchen table, licked her finger and made a face.

"I'm supposed to be taking these salt pills, but," she wrinkled her nose, "they make me feel like throwing up."

Marsha started to pat herself under the chin, na exercise she'd seen on television. "God, don't even talk about that." She got up from the table and went to the sink where she picked up a bottle of pink and blue vitamins. "Want one? Supposed to be better than steak." And attempted to touch her knees. "I don't think I'll ever touch a daiquiri again." She gave up and sat down,

this time nearer the small table that supported the telephone. "Maybe Bill'll call," she said to Sheila's glance. Sheila nibbled on a cuticle. "After last night, I thought maybe you'd be through with him."

"I know what you mean. My God, he was like na octopus. Hands all over the place." She gestured, raising her arms upward in defense. "The thing is after a while, you get tired of fighting with him, you know, and after all he didn't really do anything Friday and Saturday so I kind of owed it to him, you know what I mean." She started to scratch. Sheila was giggling with her hand over her mouth. "I'll tell you, I felt the same way, and even after a while," she bent forward in a whisper, "I wanted to," and now she was laughing very loudly. It was at this point that Mr. Jameson of the Clarence Darrow Post Office rang the door bell of the large stucco colored frame house. When Marsha Bronson opened the door, he helped her carry the package in. He had his yellow and his green slips of paper signed and left with a fifteen-cent tip that Marsha had gotten out of her mothers small beige pocket book in the den. "What do you think it is?" Sheila asked. Marsha stood with her arms folded behind her back. She stared at the brown cardboard carton that sat in the middle of the living room. "I don't know."

Inside the package Waldo quivered with excitement as he listened to the muffled voices. Sheila ran her fingernail over the masking tape that ran down the center of the carton. "Why don't you look at the return address and see who it is from?" Waldo felt his heart beating. He could feel the vibrating footsteps. It would be soon.

Marsha walked around the carton and read the ink-scratched label. "Ugh, God, it's from Waldo!"

"That schmuck," said Sheila. Waldo trembled with expectation. "Well, you might as well open it," said Sheila. Both of them tried to lift the stapled flap.

"Ahh, shit," said Marsha groaning. "He must have nailed it shut." They tugged at the flap again. "My God, you need a power drill to get this thing opened." They pulled again. "You can't get a grip!" They both stood still, breathing heavily. "Why don't you get the scissors," said Sheila. Marsha ran into the kitchen, but all she

could find was a little sewing scissor. Then she remembered that her father kept a collection of tools in the basement. She ran downstairs and when she came back, she had a large sheet-metal cutter in her hand. "This is the best I could find." She was very out of breath. "Here, you do it. I'm gonna die." She sank into a large fluffy couch and exhaled noisily. Sheila tried to make a slit between the masking tape and the end of the cardboard, but the blade was too big and there wasn't enough room. "Godamn this thing!" she said feeling very exasperated. Then, smiling, "I got an idea."

"What?" said Marsha. "Just watch," said Sheila touching her finger to her head.

Inside the package, Waldo was so transfixed with excitement that he could barely breathe. His skin felt prickly from the heat and he could feel his heart beating in his throat. It would be soon. Sheila stood quite upright and walked around to the other side of the package. Then she sank down to her knees, grasped the cutter by both handles, took a deep breath and plunged the long blade through the middle of the package, through the middle of the masking tape, through the cardboard, through the cushioning and (thud) right through the center of Waldo Jeffers head, which split slightly and caused little rhythmic arcs of red to pulsate gently in the morning sun. ❮

Foto: Acervo pessoal / Melissa Luz | Edição *Cândido*

Melissa Luz faz graduação em Letras – Inglês pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), é professora, escritora e tradutora. Considera a literatura como potência transformadora para ampliar a visão das pessoas sobre o mundo e sobre si mesmas.

Palimpsestos
e outros poemas

Ronaldo Cagiano

REGISTRO

Nesse tempo de absoluta dissolução
 sou contaminado e salvo pela poesia,
 antídoto contra
 o veneno dos dias
Já não me importam
 a falta de paciência do motorista
 os corações duros dos auditores da Receita
 a avidez usurária dos bancos
 a tempestade de ofensas
 o parlamento acanalhado
 o roubo nas estatais
 a queda do PIB
 a crise do euro
 os disparos de Kim Jong-un
 os disparates de Trump
 a poligamia de Jacob Zuma
 a saliva farisaica dos evangélicos
 a transgênica autoproclamação de Guaidó
 os lacaios torquemadas da Lava-jato
 e outros coveiros da latinoamericanidade
Meus versos não estarão em repouso
 como a indolência que caminha
 passo a passo
 no ritmo de todas as coisas
Vou de mãos dadas
 com o verbo
 e com sua pá,
 lavratura
 adestrando
 o terreno infértil

PALIMPSESTOS

Sob a pele das palavras
 mil mundos me contemplam
 com um desafio de esfinge:
palácios
 cemitérios
 a náusea das guerras
 as nódoas do tempo
 os compulsórios desertos
 a teia da aranha
 a teoria da relatividade
 a muda órbita dos planetas
 o homem sem qualidades
 a quadratura do círculo
 os contornos do abismo
O vocábulo
 se espraia
 sobre cada gesto
 desejo
 centelha
 ameaça
e cada espinho que não vejo
 e piso
 socorre-me do
 anonimato
ajuda-me a dissecar
 o que ainda não
 vivi
Nesse tempo
 de angústias em pleno cio
 de temores soletrando tragédias
 de ventos semeando esbulhos
 em seu roteiro por
 esquizofrênicas pastagens,
o verbo me devolve ao éden

BRONZE

Na gramática do tempo
consuma-se a linguagem perfeita
das estátuas.

Everardo Norões

Na praça com seu nome
passo em frente
ao busto inerte de Getúlio Vargas
e saúdo as aves veteranas
que há décadas depositam em sua cabeça
o engenho das fezes
batizando o metal sem vida.
Olho ao redor
e a vida invertebrada
de vai e vens indiferentes
não se atém
à inutilidade de todas as homenagens
Mergulho na tarde
que, melancólica e sem pressa,
invade e rumina a cidade
em sua imutável e desértica
condição
com seu tempo siderúrgico
endurecendo os pulmões
Atônito entre os labirintos
de provincianos disfarces,
retido na indecisão
de desconhecidos atalhos,
perco o fio dessa meada urbana,
carrego o pesadelo dos dias
e me enfurno na paisagem

Foto: Ozias Filho | Edição *Cândido*

Ronaldo Cagiano nasceu em Cataguases (MG) e atualmente mora em Portugal. Escreve resenhas e artigos em diversos jornais e revistas do Brasil e exterior. Dentre as obras publicadas, destacam-se: *Dezembro indigesto* (Prêmio Brasília de Produção Literária 2001), *O sol nas feridas* (Ed. Dobra, SP, 2013 – finalista do Prêmio Portugal Telecom 2013) e *Eles não moram mais aqui* (Prêmio Jabuti 2016/Ed). Organizou as coletâneas *Antologia do conto brasiliense* (Projecto Editorial, 2001), *Poetas mineiros em Brasília* (Varanda Edições, 2002) e *Todas as gerações – O conto brasiliense contemporâneo* (LGE, Editora, 2006).

Janelas

Malu Cordeiro

Janelas são, acima de tudo, separações. Elas molduram cenários reais em constante transformação. A arquitetura e a decoração de cada uma conta uma história — basta observá-las por tempo suficiente. Este ensaio reúne fotografias tiradas na Áustria, França, Cuba, Espanha, Marrocos e no Brasil, em Curitiba.

Malu Cordeiro, 25 anos, é formada em História e está concluindo a graduação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Atualmente faz estágio na Secretaria de Estado da Cultura do Estado do Paraná (SEEC-PR). ❮

A.D.MDCCLXXVI

EXPEDIENTE

Governador do Estado do Paraná
Carlos Massa Ratinho Junior

Secretária da Cultura do Estado do Paraná
Luciana Casagrande Pereira Ferreira

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná
Luiz Felipe Leprevost

Editora
Marianna Camargo

Redação, Pesquisa e Produção:
Leticia Lopes de Souza
Maria Beatriz Peres

Colaboradores desta edição
Fernanda Maldonado
Malu Cordeiro
Melissa Luz
Pedro Guerra
Rodrigo Garcia Lopes
Rogerio Skylab
Ronaldo Cagiano

Ilustração de capa
Iuri De Sá

Design Gráfico
Rita Solieri

Diagramação
Iuri De Sá

Cândido

imprensa@bpp.pr.gov.br | imprensa@seec.pr.gov.br

bpp.pr.gov.br/Candido

instagram.com/candidobpp

facebook.com/jornalcandido

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
cultura paraná
PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA